

Nós, brasileiros, sabemos bem o que é matar alguém duas vezes

Tatiana Salem Levy

Folha de S.Paulo, 3.7.2020

O governo atual tenta fazer isso com os mortos pela ditadura

Talvez a frase mais conhecida sobre o povo armênio seja aquela proferida por Hitler e utilizada por Santiago Nazarian como epígrafe de seu novo romance: “Afinal, quem ainda se lembra dos armênios?” Paradoxal em sua raiz: lembramos do esquecimento, mas não lembramos dos armênios. Sabemos vagamente algo sobre o seu genocídio, mas muito pouco sobre quem eram, quem são, sobre sua língua, sua cultura. Ao contrário do que aconteceu com o Holocausto judeu, provocado por Hitler, o genocídio armênio, perpetrado pelo Império Otomano, contabilizando cerca de 1,5 milhão de mortos, quase se apagou da história.

Há vários motivos para isso, mas um deles me parece crucial: a Alemanha reconheceu o mal cometido por ela e se revelou uma das nações mais bem-sucedidas em revisitar a história, recontá-la com outra voz, fazendo daquele que se pretendia o salvador o verdadeiro algoz. Enquanto isso, a Turquia nunca reconheceu o genocídio armênio. Põe os mortos na conta da I Guerra Mundial. E assim surge o segundo genocídio: o aniquilamento da história, o silenciamento das vítimas. A segunda ida ao inferno de quem viu suas aldeias e seu povo pegarem fogo.

Nós, brasileiros, sabemos bem o que é matar alguém duas vezes. O governo atual tenta fazer isso com os mortos pela ditadura; com Marielle Franco. Matar os mortos é apagar a memória. Mas, enquanto houver alguém para contar, para escrever, os fascismos terão sempre uma ameaça. É o que faz Santiago Nazarian, de origem armênia, em “Fé no Inferno” (Companhia das Letras). É o que faz Domingos, personagem do romance, também armênio, talvez sobrevivente do genocídio.

Quando Cláudio, um paulistano de 22 anos, gay, de origem indígena e cuidador de idosos, começa a trabalhar na casa de seu Domingos, descobre uma biblioteca formada de diferentes versões do mesmo texto: “às vezes, em primeira pessoa, às vezes em terceira, com diferentes frases de abertura, às vezes começando exatamente igual. Mas qualquer um que já tivesse lido algumas páginas podia identificar: a mesma história contada de diversas maneiras.” Sem título, sem autor, esse volumes enchem as estantes do escritório de Domingos, e é um deles que Cláudio começa a ler, de forma quase aleatória, durante as horas de trabalho.

E nós, leitores, lemos o que Cláudio lê, em alternância com a história do próprio Cláudio, a morte do seu pai, o incêndio na favela onde morava, o crime que cometeu e o levou para uma fundação de menores infratores. Mas também: seu relacionamento com um artista mais velho e a relação afetiva com seu Domingos. Paralelas, independentes, as histórias dos dois por ora se esbarram. Afinal, eles fazem parte de minorias perseguidas: um, armênio; o outro, homossexual. Perderam o pai como inimigos do Estado. Viram arder suas terras. Dois infernos diferentes, mas o inferno é um só. “Eu virava a cabeça para trás e pensava: O Inferno é tão bonito”, diz o narrador do livro que Cláudio lê, um menino armênio que perde os pais e o irmão mais novo, vê sua aldeia queimar e foge com o irmão mais velho.

O inferno é bonito, porque, esteticamente, é bonito o fogo. Mas também porque o inferno são os outros, as minorias, os excluídos de tantos Estados - e, daqui, podemos levantar uma das interpretações possíveis para o título do romance: a fé no inferno é a fé nos que ardem, na força dos que são tantas vezes rejeitados e calados. Mas que duram enquanto dura a sua língua, a sua cultura, como se repete algumas vezes no romance de Nazarian: Nossa língua é nossa força.

Enquanto houver quem conte, haverá história. Ou melhor, haverá histórias. Numa conversa com Cláudio, afirma seu Domingos: “Existem várias maneiras de contar uma história, não é? E quando contamos algo que aconteceu realmente, precisamos dar uma forma, criar conexões, alegorias, que não existiram necessariamente daquela forma. É uma maneira de dar sentido à história.” Domingos explica para Cláudio quem são os armênios: “Não é preciso nascer na Armênia para ser armênio; é uma etnia, não uma nacionalidade.” Inclusive, quando ele nasceu, nem havia Armênia. Cláudio continua sua pesquisa na internet - levando os leitores curiosos a fazerem o mesmo. Mas é na narrativa do menino que foge dos turcos que vamos aprendendo mais sobre esse povo de fé cristã apostólica, perseguido pelos muçulmanos no Império Otomano.

Nas montanhas da Anatólia, o menino sem nome - talvez o próprio Domingos, ou Guiragos, em armênio - foge da morte e dos risos sarcásticos dos turcos que abrem os corpos dos mortos em busca de joias engolidas. Ele tem 8 anos no início da narrativa e já é um adolescente no fim. Circula pelos mesmos lugares, em espiral, mas, como na máxima de Heráclito, ninguém se banha duas vezes no mesmo rio. Os lugares por onde passa, embora sejam os mesmos, nunca são iguais.

Nesse espaço e nesse tempo espiralados, fábulas armênias se misturam à narrativa contemporânea de Nazarian, dando um toque fantasioso ao romance, que inclui uma viúva obesa canibal, serpentes e raposas falantes. Mas nem só das fábulas vem a fantasia. Cláudio começa a ler porque seu videogame está sem pilha. Aos poucos, o próprio livro vai se tornando uma espécie de game: o personagem morre várias vezes e ressuscita. Renasce para morrer de novo: “A insistência armênia de morrer e continuar. Permanecer vivo apenas para morrer outra vez. Eu não podia mais.”

Até quando se pode morrer? Quantas vidas se tem num jogo? Quantas, na realidade? Quantas, na literatura? O menino costumava ouvir do pai, o seu “hayrig”: “A história de um homem só termina quando toda a história foi contada. Se trouxermos algo de novo, a história continua. A morte é apenas um capítulo para incrementarmos nossa vida.” E assim se desenrolam as narrativas: o menino morre e renasce. Os indígenas, como Cláudio, morrem e renascem. Os gays apanham na av. Paulista quase até a morte e renascem. Domingos, com seus prováveis 110 anos de idade, quase morre, ou morre, e renasce. Enquanto ele tiver o que dizer, continuará escrevendo as várias versões de uma mesma história. E, enquanto a justiça não tiver sido feita, haverá sempre o que dizer.

À medida que Cláudio se aproxima do final da leitura, a saúde de Domingos se torna mais frágil. Ele, então, com receio de provocar a morte do armênio, para de ler, revelando algo de fundamental em “Fé no Inferno”: a fé no leitor. A história do menino armênio foi escrita em várias versões, mas só conhecemos aquela que Cláudio lê. Enquanto ele lê, o passado do narrador se torna presente. Se Cláudio for até o fim, o autor morrerá. Se interrompe a leitura, ele sobrevive. Afinal, quem escreve o jogo (de videogame ou da literatura)? Aquele que de fato o escreveu ou o jogador/leitor? Quem escreve o romance: Domingos ou Cláudio? Ou nós, que o lemos através da leitura do outro?

Há muitas passagens fortíssimas nesse romance que se destaca, entre outras coisas, por seu caráter profundamente imagético. Mas há uma que não me larga desde que li “Fé no Inferno”: a cena em que o narrador e seu irmão mergulham num açude, e o que era para ser um momento paradisíaco se torna a própria visão do mal. O menino de repente se sente preso a folhas e algas e tenta “ganhar impulso para emergir a uma terra que era minha, que não me queria, um lugar onde eu não deveria estar.” Então, ele se dá conta que as algas eram, em realidade, tranças, cachos, mechas de cabelo. Seus pés estavam presos aos cabelos dos armênios afogados naquelas águas: “Era esse o propósito do açude.”